

A CIRCULAÇÃO DAS COISAS DO EXTINTO MUSEU SIMOENS DA SILVA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ACERVO DE CINCO MUSEUS PÚBLICOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

THE CIRCULATION OF THE THINGS OF THE EXTINCT MUSEUM SIMOENS DA SILVA: AN ANALYSIS FROM THE COLLECTION OF FIVE PUBLIC MUSEUMS OF THE STATE OF RIO DE JANEIRO

Cecilia de Oliveira Ewbank / UFRJ

RESUMO

No dia 17 de dezembro de 1948, falecia Antonio Carlos Simoens da Silva (1871-1948). Advogado, professor e sobrinho-neto da Marquesa dos Santos, deixava esposa, filhos e um museu. Com sede na residência da família localizada à Rua Visconde e Silva n. 111, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, o Museu Simoens da Silva possuía um acervo de 2.075 artefatos e espécimes de história natural, antropologia, arqueologia, iconografia, mobiliário, indumentária, arte decorativa, arte sacra, armas e objetos históricos. Com o falecimento de Simoens, o museu é fechado e a coleção leiloadada pela sua família em 1957. O presente trabalho analisa a aquisição de itens deste acervo por outros cinco museus públicos do Estado do Rio de Janeiro buscando refletir sobre as suas implicações na conservação e ativação de uma memória museal.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Simoens da Silva; circulação de objetos; tafonomia dos museus

ABSTRACT

On December 17, 1948, Antônio Carlos Simoens da Silva (1871-1948) passed away. Lawyer, teacher and nephew-grandson of the Marquesa dos Santos, left wife, children and a museum. Headquartered at the family residence at Rua Visconde e Silva n. 111, in the Botafogo neighborhood, in the city of Rio de Janeiro, the Simoens da Silva Museum had a collection of 2.075 artefacts and specimens from natural history, anthropology, archeology, iconography, furniture, clothing, decorative art, sacred art, weapons and historic objects. With the death of Simoens, the museum is closed and the collection auctioned by his family in 1957. The present work analyzes the purchase of items from this collection by other museums in the state of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: *Simoens da Silva Museum; objects circulation; museums tafonomy*

Apresentação

O presente artigo foi produzido como monografia da disciplina Seminário de Pesquisa em Andamento II, ministrada pelo professor Ivair Reinaldim, para a turma de Doutorado em Artes Visuais, linha de História e Crítica da Arte, ingressante em 2018.2, durante o primeiro semestre de 2019.

Como proposta, buscou-se recuperar a trajetória de alguns objetos que integraram o acervo do extinto Museu Simoens da Silva (MSS), e que hoje pertencem a acervos de outros museus do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia aplicada consistiu, em primeiro lugar, no levantamento de informações relacionadas à destinação desses itens na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foram encontradas menções ao Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (MHC) e ao Museu Histórico do Exército (MHEx), além da indicação da participação do diretor do Museu Histórico Nacional (MHN) no leilão do MSS. A leitura de um artigo do Prof. Arhur Valle (2107) já havia indicado a presença de uma parte da coleção etnográfica do MSS no Museu do Índio (MI). O contato por email ou telefone com os responsáveis pelo acervo museológico das referidas instituições possibilitou a recolha de mais informações sobre a aquisição das referidas peças, além da verificação acerca da existência de outros itens relacionados ao MSS ou ao seu proprietário, o Sr. Simoens da Silva. Considerando o destaque dado no leilão do MSS aos itens relacionados à família Imperial, o contato ainda foi estendido ao Museu Imperial. No período de elaboração deste artigo foi possível realizar a visita técnica a três desses museus: MHC, MHEx e MI.

O texto que se segue expõe algumas reflexões desdobradas desse levantamento, tendo em perspectiva o deslocamento de itens de um museu extinto para museus existentes.

Simoens da Silva e o seu museu

No dia 17 de dezembro de 1948, falecia, no Rio de Janeiro, Antonio Carlos

EWBANK, Cecília de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

Simoens da Silva (1871-1948). Advogado, professor e sobrinho-neto da Marquesa dos Santos, deixava esposa, filhos, sobrinhos e, um museu. Fundado a partir da coleção¹ que iniciou quando tinha apenas oito anos de idade, o Museu Simoens da Silva funcionava na residência da família, localizada à Rua Visconde e Silva n. 111, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Com um total de 2.075 artefatos e espécimes de história natural, antropologia, arqueologia, iconografia, mobiliário, indumentária, arte decorativa, arte sacra, armas e objetos históricos, o museu abria para visitação pública durante dois dias na semana, ocasião em que Simoens guiava pessoalmente os visitantes pelas coleções. Resultado de décadas dedicadas a colecionar vestígios da (sua) história, como disse o próprio, o museu era a sua vida.

Há sessenta e um anos que eu trabalho para as minhas coleções. **O museu é a minha vida.** Guardo tudo. Tenho todos os retratos dos meus antepassados. Coleciono jornais, caricaturas, tudo. Vivo viajando e por onde passo trago uma lembrança. Na vida, o que me interessa são as coisas esquisitas. (HÁ SESSENTA, 1940)

A simbiose entre a instituição e o seu fundador tangeia a questão do destino do museu para além da sua morte. Em uma reportagem de *O Jornal* sobre o MSS, Simoens esclarece o que gostaria que acontecesse consigo e com o museu quando morresse. Diz ele:

Quando eu morrer as terras que possuo em Copacabana e Botafogo pertencerão a meus filhos. **Imponho uma condição inapelável: eles deverão limpar meus ossos e colocar meu esqueleto à porta do museu que há meio século fundei e que mantenho com todas as forças de meus setenta e poucos anos.** (...) Quero estar ali, pertinho, vendo tudo, espiando os que chegam e se assombrom. Quero estar, lado a lado dos objetos que tanto amei. (...) Oh, vocês não podem compreender, não podem adivinhar a estima que tenho para cada uma dessas pequenas coisas, que vibram como seres viventes, que teem suas historias, suas tragédias, seus amores, e que tiveram suas vidas. Já pensou no melancólico silencio de uma liteira do II Império, descansando, enferrujando-se numa sala de museu? (O TESTAMENTO, 1946).

A condição imposta aos seus herdeiros da incorporação dos seus restos mortais à

EWBANK, Cecilia de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

exposição da coleção é uma manifestação quanto à inviolabilidade da sua *persona* e da coleção/instituição. Ainda que morto, seria ele quem continuaria velando pelo seu museu, mantendo-o vivo. Afinal, o lugar que os objetos ocupavam enquanto vestígios de histórias vividas por Simoens só faziam sentido enquanto esta relação fosse mantida, sendo este o vínculo que dava unicidade à coleção. Os itens não necessariamente detinham relação com outra peça do acervo, mas era o seu conjunto o que possibilitava a construção das diferentes facetas dessa personagem tão peculiar. Sem Simoens, quem melhor do que seu próprio esqueleto para contar histórias como a da múmia de mãe e filha encontradas abraçadas em sua viagem à Bolívia?

A frase final da fala transcrita acima é elucidativa quanto a visão de Simoens sobre a instituição *museu*. Para ele, havia pelo menos dois tipos de museu. Um, do tipo museu casa, como o MSS, onde o vínculo entre as peças e o sentido que elas possuem só é possível quando relacionado ao seu colecionador, esteja ele vivo ou morto, porém presente. Quando ocorre essa desvinculação, as peças – e o colecionador – perdem o sentido, enferrujam-se numa sala de museu. Aqui a referência é ao museu do tipo que habita o senso comum. Um lugar de coisas velhas e abandonadas, desprovidas de uma personalidade particular. Simoens não desejava que fosse essa a transformação a ocorrer no seu museu e, de fato, não aconteceria.

Totalmente dependente da figura do seu fundador, com o seu falecimento em 1948, o museu é fechado e a coleção leiloada pela sua família em 1957. Completa o apagamento do museu – e do próprio Simoens – do *imaginário museal* (CHAGAS, 2009) dos habitantes do Rio de Janeiro, a demolição da chácara que servia de sede ao museu e residência da família, em 1968.

O leilão

Para Kopytoff (2008), o leilão é um dos meios facilitadores do retorno das coisas

ao estado de mercadoria do qual se encontravam protegidas previamente. Embora os itens que compunham o acervo do MSS tenham sido colocados nesta condição ao serem incorporados ao leilão, alguns deles retornaram ao estado de proteção ao serem adquiridos por outros museus. A continuação deste artigo traz uma reflexão inicial acerca da aquisição de itens de um museu particular extinto por outros museus públicos e as suas implicações na conservação e ativação de uma memória *museal*. Em outras palavras, qual é o papel dos museus na salvaguarda da história de instituições congêneres e dos seus fundadores.

Organizado pelo leiloeiro Horacio Ernani de Mello, o leilão judicial do espólio de Antonio Carlos Simoens da Silva ocorreu na sede do MSS entre os dias 15 de julho e 14 de agosto de 1957, totalizando dezessete sessões. Com 2.075 lotes de objetos variados, além de 150 lotes de livros e periódicos da sua biblioteca, foi anunciado como um dos mais importantes leilões já realizados no Brasil, com grande destaque para as peças imperiais. A publicação de um catálogo com a programação das sessões, a relação dos lotes, além de uma breve biografia de Simoens acrescida de notas e caricaturas publicadas em periódicos sobre ele e o museu, é uma fonte valiosa para essa pesquisa.

Por meio dele percebemos que a composição dos lotes seguiu a divisão temática já pré-estabelecida pela exposição das peças nos cômodos da casa/museu. Por sua vez, a sequência das sessões foi definida em ordem crescente do valor comercial e simbólico dado à cada tipologia de objeto. Assim, enquanto os primeiros lotes reuniram os itens de ciências naturais e históricos, além da coleção de retratos e caricaturas de Simoens cujo potencial de venda era reduzido em função da particularidade da temática, os lotes intermediários concentraram a indumentária, o mobiliário e a arte sacra; e o nono lote em diante reuniu as coleções expostas na “Sala das louças e cristais”, “Sala das armas” e, por fim, as da “Sala do Império”. Neste sentido, o catálogo funcionava como um guia de compras para aqueles potenciais compradores, indicando as ofertas e valorizando os seus produtos.

EWBANK, Cecilia de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

Direcionado para os colecionadores em geral, a chamada na primeira página do catálogo chamava a atenção, literalmente, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para as “diversas peças de real valor para os nossos museus”. Na apresentação do catálogo feita pelo próprio Ernani a questão da expectativa biográfica das peças é novamente retomada. Diz ele:

Neste ponto não posso sopitar o desejo de pedir permissão para sugerir aos responsáveis pelo destino do nosso Brasil, uma observação justa e patriótica. No Museu, como é do conhecimento de milhares de brasileiros e estrangeiros, existem peças raríssimas e únicas ligadas a vida do Brasil, **peças essas, que não deviam fugir para mãos que não fossem ao Governo que tem obrigação de guardar para a posteridade, o que ainda existe de precioso para ilustrar a nossa história e aumentar o interesse pelas nossas coleções de Museus Brasileiros.** Nós descendemos de um povo, cuja grandeza enche a vida de séculos. (CATÁLOGO, 1957)

Embora os procedimentos de um leilão tendam a garantir o direito de compra a quem oferecer o maior lance, há aqui um apelo à intervenção do Governo no sentido de garantir a continuidade no país de obras consideradas relevantes para a história nacional em acervos de museus brasileiros. Esta mesma solicitação já havia sido feita por parte dos herdeiros a fim de evitar que essas relíquias históricas caíssem nas mãos de colecionadores estrangeiros (LOTT NÃO, 1957, p. 3). De fato, já tinham recebido uma proposta de venda para o estrangeiro. É neste contexto que o Ministério da Educação e Saúde é acusado pela opinião pública de omissão na participação do leilão².

Em artigo sobre o evento publicado no periódico *A Noite*, em 16 de julho de 1957, o diretor do SPHAN, Rodrigo de Mello Franco, se pronunciou sobre a contenda. Em suas palavras:

“Não é verdade que os poderes públicos tenham se desinteressado do caso. Muito pelo contrário, representantes dos nossos Museus compareceram ao leilão, a fim de licitar objetos de interesse e evitar assim que eles viessem a cair em mãos de particulares. Quanto a este Serviço do Patrimônio, não é ele uma repartição colecionadora, como pensam alguns.”. (NÃO É, 1957)

EWBANK, Cecília de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

De fato, apesar das limitações orçamentárias dos museus nacionais, itens considerados relíquias da história nacional ou relevantes para os seus próprios acervos puderam ser adquiridos no leilão.

Mudando de casa

Dentre os diretores de museus que compareceram ao leilão do MSS, Gustavo Barroso esteve representando o MHN, um instituto criado em 1922 para salvaguardar itens representativos da história do Brasil. Desse modo, a presença no leilão de itens-testemunhos do período imperial no Brasil eram um atrativo valioso para o seu diretor. Entretanto, a verba de 500 mil cruzeiros do MHN era insuficiente para arrematar os quatro itens que cobiçava, a saber: o quepe e a banda do Marechal Solano Lopez; o cilhão de D. Pedro II; e dois capacetes da guarda pessoal de Solano Lopez. Obstinado, Barroso escreveu então ao Presidente da República, Juscelino Kubitschek, solicitando que o mesmo autorizasse o Banco do Brasil a conceder parte da sua verba anual destinada ao auxílio a instituições para aquisição de alguns itens. Para o diretor, a verba que fora tomada em ocasiões de emergência durante o governo de Getúlio Vargas poderia se destinar naquele momento a enriquecer o patrimônio tradicional do país.

Barroso, que estava disposto a dar 70 mil pelo cilhão de D. Pedro II, estimara que um auxílio de 200 a 300 mil cruzeiros seriam suficientes para arrematar as quatro peças. Contrariando suas previsões, apenas o cilhão foi arrematado por 220 mil (NÃO PODEM, 1957). Conforme mencionado anteriormente, o destaque do leilão eram justamente as peças imperiais. Contudo, o que justifica o alto valor alcançado por esta é a relação intrínseca que ela detém com o seu antigo proprietário. O mesmo não ocorreria com peças representativas do período imperial, contudo desprovidas de um proprietário de estirpe, como é o caso da farda com as armas do Império do Brasil e da casaca da Guarda Imperial de Arceiros adquiridos pelo Museu Imperial por Cr\$ 5.720,00 e Cr\$ 13.200,00, respectivamente.

EWBANK, Cecília de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

Outro exemplo significativo de valoração do objeto em decorrência do seu proprietário anterior são o quepe e a banda do Marechal Solano Lopez, provavelmente os itens que causaram maior polêmica no leilão. Apreendidos na batalha de Lomas Valentinas pelo General Francisco Vieira Faria da Rocha quando o ditador paraguaio tentava fugir disfarçado com os trajes de uma patente mais baixa, tinham sido adquiridos por Simoens no leilão do espólio daquele, em 1889. Disputado por autoridades nacionais e estrangeiras, dentre elas o embaixador paraguaio e o próprio Barroso, o conjunto terminou sendo doado ao Museu Histórico do Exército com a condição de que nunca saísse do Brasil. Um documento do MHEX atestando a doação traz mais informações sobre essa disputa.

Segundo o relato, o alto preço estipulado para o lote – alcançou 250 mil Cr\$ - restringia sua aquisição pelos museus brasileiros que o disputavam – o MHN e o MHEX –, haja vista a sua “eterna falta de verba e meios aquisitivos”. Por sua vez, favorecia o único interessado com cacife para adquiri-lo, o embaixador paraguaio. Temendo que as relíquias retornassem ao Paraguai, os herdeiros de Simoens da Silva utilizaram seu direito de opção retirando-as do leilão e oferecendo-as ao MHEX com a condição anteriormente mencionada. O ato foi destacado no documento como demonstração de “elevado senso de patriotismo, e invulgar espírito de brasilidade”, seguramente um alívio para patriotas engajados.

Apesar da nobreza do ato, o desentendimento com o General Lott, então Ministro da Guerra, e que cogitava devolver essas relíquias ao Paraguai, fez com que as mesmas permanecessem com a família Simoens da Silva por mais de uma década. Somente em 1969, depois do acordo entre as partes que manteve as condições impostas pela família doadora é que os itens puderam ser finalmente incorporados ao acervo do MHEX.

Derrotado na disputa pelo cilhão de D. Pedro e pelo quepe e banda de Solano Lopez, Barroso logrou adquirir para o acervo do MHN outros dois itens oriundos da guarda paraguaia. Em um artigo que publicou sobre estes, Barroso os identifica

EWBANK, Cecília de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

como pertencentes ao Regimento de Escolta e ao Regimento Dragões da Escolta, ambos regimentos de cavalaria da guarda pessoal do ditador Solano Lopez (SEGREDOS E, 1957, p. 65). Anunciadas em lotes diferentes no catálogo do leilão do MSS, as peças aparecem identificadas apenas como “capacete de couro com cintas de cobre para campanha” e “capacete de couro com cintas de cobre”. Conforme reconheceu o próprio Barroso, neste caso a falta de informações sobre as origens das peças trouxe vantagens para um técnico de museus³ com olhar afinado e que pode, finalmente, adquirir peças do leilão por preços acessíveis.

Os rastros do MSS se fazem ainda mais visíveis no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro. Na visita que realizei ao museu foram localizadas 24 fichas correspondentes a itens que pertenceram ao MSS. Diferente dos casos anteriores, a única peça adquirida no leilão do MSS foi um par de toucheiros que pertenceram a Sé do Rio de Janeiro que ficava no Morro do Castelo, demolido em 1922. O restante foi incorporado através de doações feitas por particulares, dentre elas duas medalhas comemorativas do quinquagésimo aniversário do MSS, uma delas doada pelo próprio Simoens em 1948, ano do seu falecimento.

Embora o acervo do MSS fosse composto por itens provenientes dos mais variados cantos do mundo, Simoens percebia o seu museu como um espaço tradicionalmente carioca. Neste sentido, a doação da medalha comemorativa do seu museu para o MHC, criado em 1934, implica em um reconhecimento da sua precedência ao tempo em que resguarda um exemplar da escrita de si em uma instituição congênere dedicada, exclusivamente, àquela memória.

Do total de itens localizados, 14 correspondem a pinturas, desenhos ou esculturas representando o próprio Simoens⁴, sendo 11 doados por uma de suas herdeiras, Zilma Simoens da Silva, entre 1976 e 1980. A doação dessas peças por um de seus familiares reforça o desejo de pertencimento a uma memória da cidade ao tempo em que reconhece o MHC como lugar autorizado da mesma na ausência do MSS.

EWBANK, Cecília de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

De todos os museus contactados nesta pesquisa o que possui o maior conjunto de peças adquiridos no leilão do MSS é o Museu do Índio. Ao todo, são 143 peças etnográficas provenientes de diferentes grupos indígenas brasileiros e paraguaios⁵. Esta quantidade corresponde a aproximadamente metade dos lotes com itens etnográficos procedentes de países tão variados como Noruega, Japão, Estados- Unidos, Bolívia, Peru, Filipinas, entre outros. Apesar do volume de acervo museológico, a documentação administrativa sobre essa aquisição se restringe à indicação do leilão do MSS no campo correspondente à procedência do inventário. Um aprofundamento sobre esse material ainda deve ser feito no decorrer da pesquisa de tese.

Considerações finais

Embora reduzida, a pesquisa junto a estes cinco museus permitiu traçar um breve panorama de uma parte do acervo do extinto MSS e que ainda se encontra salvaguardado em museus públicos fluminenses. Outro ponto comum verificado entre eles foi o desconhecimento acerca do MSS por parte dos museólogos e demais responsáveis pelo acervo museológico das referidas instituições. Se por um lado a indicação nas fichas museológicas de procedência dos objetos do leilão do MSS, de doação do próprio Simoens ou de seus herdeiros possibilitou a identificação dos mesmos nesses acervos, a ausência de demais informações acerca da história do MSS e das condições em que os itens foram adquiridos coloca em questão o papel dos museus na salvaguarda da memória de instituições congêneres. Em outras palavras, coloca em xeque uma escrita de si propriamente museal.

Notas

¹ Compunham esse início da coleção algumas dúzias de caramujos, conchas, cerâmicas e cacos de louça, além de um capacete de índio, presente de seu pai, e uma espada paraguaia.

² A insatisfação demonstrada por meio da opinião pública com relação à falta de interferência do Estado brasileiro na aquisição ou na retenção da venda de coleções ou objetos significativos da história cultural e social do país para coleções particulares ou estrangeiras é uma constante no Brasil. Casos como a venda da obra "Abaporu", de Tarsila do Amaral, para o MALBA da Argentina, da coleção de arte concreta de Nelson Leirner

EWBANK, Cecilia de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.

para o Museu de Arte de Houston, e da posta à venda de um quadro de Pollock pertencente ao MAM-RJ, são exemplos recentes desse atrito de um desejo de memória que implica cidadãos e Estado.

³ Gustavo Barroso foi responsável pela criação do primeiro Curso de Museus no país, em 1922, no Museu Histórico Nacional.

⁴ Desde 1903 Simoens colecionava retratos e caricaturas suas em um conjunto denominado por ele de “Frente Única”. Exposto majoritariamente na Sala de caricaturas e desenhos do museu, era constituído por aproximadamente 200 itens (nas reportagens sobre o museu este valor oscila entre 106, 114 e 200 itens). No levantamento das obras que foram a leilão foi possível identificar 106 obras retratando o Dr. Simoens.

⁵ No inventário do MI consta que algumas peças desse conjunto foram extraviadas ou deslocadas para outros estados. Uma investigação mais aprofundada ainda deverá ser feita para averiguar o destino destas peças e o contingente atual de itens existentes no acervo do MI.

Referências

CHAGAS, Mario de Souza. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas**. Niterói: EdUFF, 2008. p. 89-121.

VALLE, Arthur. *Collecionadores: uma análise da série de artigos de Oscar Lopes, publicada na Gazeta De Notícias em 1905. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais: Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX / Rio de Janeiro: UFRJ, EBA/PPGAV; UFRJ, Museu D. João VI, 2017. P. 187 – 211.*

CARTA DE Gustavo Barroso ao Sr. Dr. Juscelino Kubitschek, sem data. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/MHN/44774>. Acesso em: 07/06/2019.

HÁ 61 anos vive procurando coisas esquisitas... Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 28/09/1940. Segunda Seção. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/093718_02/2952. Acesso em: 07/06/2019.

LOTT NÃO quer o quepe de Solano. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 28/11/1957. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/38492. Acesso em: 07/06/2019.

NÃO É apenas o mar que destrói Olinda. A Noite. Rio de Janeiro, 16/07/1957. 1 Caderno, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/43315. Acesso em: 07/06/2019.

NÃO PODEM ser arrancadas ao Brasil as relíquias obtidas com o sangue dos seus filhos. O Globo. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1957. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/MHN/54201>. Acesso em: 07/06/2019.

O CAÇADOR de crânios humanos. O Cruzeiro, 20 de janeiro de 1945. Rio de Janeiro. p. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/44655>. Acesso em: 07/06/2019.

O TESTAMENTO do colecionador: “quero meu esqueleto na porta do museu”. O Jornal. Rio

EWBANK, Cecília de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

de Janeiro, 1946. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/31374.
Acesso em: 07/06/2019.

SEGREDOS E revelações da História do Brasil. Duas relíquias desconhecidas. O Cruzeiro.
Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1957. p. 65.

VENDIDO POR seis milhões e meio o museu Simões Silva. A Noite. Rio de Janeiro,
28/08/1957. 1º Caderno, p. 7. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/348970_05/44048 Acesso em: 07/06/2019.

Cecilia de Oliveira Ewbank

Museóloga e mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/UFRJ) onde desenvolve a pesquisa sobre o extinto Museu Simoens da Silva.

EWBANK, Cecilia de Oliveira. A circulação das coisas do extinto Museu Simoens da Silva: uma análise a partir do acervo de cinco museus públicos do estado do Rio de Janeiro, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1260-1271.